

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO**

CLARA FADEL

**RELAÇÕES ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO NOS PROCESSOS DE
CRIAÇÃO:**

um olhar sobre A_GIRA e sua trajetória de emancipação e liberdade

Belo Horizonte

2023

CLARA FADEL

**RELAÇÕES ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO NOS PROCESSOS DE
CRIAÇÃO:**

um olhar sobre A_GIRA e sua trajetória de emancipação e liberdade

Monografia apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para o grau de licenciatura em Teatro.

Orientador: Eduardo Andrade

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Colegiado do Curso de Graduação em Teatro
colteatro@eba.ufmg.br
(31xx) 3409 5385

CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO / Habilitação Licenciatura

FOLHA DE APROVAÇÃO

Às 14:00h do dia 05/06/2023, reuniu-se remotamente pela plataforma Google Meet a Banca Examinadora, constituída pelos professores Eduardo dos Santos Andrade, Tereza Bruzzi de Carvalho e Marina Marcondes Machado, para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da discente Clara Panisset Brandão Fadel, intitulado “RELAÇÕES ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO NOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO: Um olhar sobre A_Gira e sua trajetória de emancipação e liberdade”, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Teatro.

A candidata foi considerada APROVADA.

Prof. Eduardo dos Santos Andrade – Orientador

Profa. Tereza Bruzzi de Carvalho – Membro

Profa. Marina Marcondes Machado – Membro

Belo Horizonte, 05 de junho de 2023.

Ao meu avô Adel Aziz Fadel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor e orientador Eduardo Andrade, pela condução sagaz e instigante, que sem titubear esteve sempre disposto para essa pesquisa em um diálogo sincero sobre as minha ideias, respeitando meu tempo e pensamento. Obrigada por me deixar livre para errar sem medo ou vergonha, no exercício contínuo entre a dúvida e os caminhos do conhecimento.

Agradeço a todos os meus professores, a essa Universidade e a tanta gente importante que pude acessar por estar aqui, em especial a Leda Maria Martins, Arnaldo Alvarenga, Vinícius Lírio, Marina Marcondes e Ernani Maleta, pelas aulas inesquecíveis e por fazerem dessa jornada um aprendizado contínuo.

Ao querido amigo Fabrício Trindade, pesquisador incansável, artista inspirador, que mesmo distante se faz presente em minhas ações pelo mundo, como nas páginas desse trabalho.

A professora Tereza Bruzzi, pela inspiração enquanto mulher, artista-professora-pesquisadora no mundo.

Ao Teatro Universitário por ser um espaço de referência na formação artística-docente, por fazer essa pesquisa existir junto aos projetos de extensão e ensino.

A_GIRA e todes es artitx por inventarem um espaço de pesquisa, luta e resistência artística.

A minha primeira professora de teatro Antônia Claret, que tanto me ensinou e manteve acesa a chama do fazer artístico.

A Juliana Amorim por toda força, apoio, carinho, por não me deixar esquecer que o conhecimento é libertador.

A Graziela Alves por ser meu abrigo, força e inspiração.

As minha irmãs Heloiza e Marilia, por me ensinarem sobre o amor todos os dias, por me instigarem a ser melhor me oferecendo o que existe de mais precioso nessa vida: o tempo.

A minha mãe pelo amor, cuidado e coragem de ser mãe nesse mundo. Por segurar minha mão e não duvidar nunca da minha capacidade de chegar até aqui.

Ao meu pai por sua luta incansável por um país melhor e por sempre acreditar na educação como potência de transformação.

Aos meus amigos queridos todos sem exceção, por estarem presentes nos momentos mais importantes e fazerem possível a finalização desse trabalho.

Ao teatro por me manter de pé fazendo jus a minha existência.

“Mover-se pelo ímpeto de estar sempre em travessia.”
Natália Xavier.

Resumo

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre as possíveis relações entre processos de criação artística e o campo da pedagogia, a partir da análise da trajetória do Grupo de Investigação e Reflexão em arte (A_GIRA), fundado em 2020 como projeto de extensão do Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais. Na tentativa de entender os pontos de convergência entre artista-professor-pesquisador, o trabalho apoia-se na obra de Paulo Freire para propor uma reflexão sobre a experiência da A_GIRA, lugar em que a autora pôde experimentar o exercício dos três ofícios e questionar sobre arte e educação dentro e fora dos espaços institucionais. A partir do pensamento freiriano a respeito das ideias de autonomia e liberdade, a pesquisa apresenta uma análise do percurso do grupo, em caráter descritivo, traçando paralelos entre a teoria de Paulo Freire sobre a prática educativa e os processos criativos da A_GIRA pontuando a importância dessa experiência na formação da autora enquanto artista-pesquisadora-professora

PALAVRAS CHAVE: autonomia; liberdade; Paulo Freire; processo de criação; Grupo de Investigação e Reflexão em arte;

Abstract

The present study aims to reflect on the possible relationships between artistic creation processes and the field of pedagogy, based on the analysis of the trajectory of the Grupo de Investigação e Reflexão em arte (A_GIRA), founded in 2020 as an extension project of Teatro Universitário from the Federal University of Minas Gerais. In an attempt to understand the points of convergence between artist-teacher-researcher, the work is based on the work of Paulo Freire to propose a reflection on the experience of A_GIRA, a place where the author was able to try out the exercise of the three trades and question about art and education inside and outside institutional spaces. Based on Freire's thinking about the ideas of autonomy and freedom, the research presents a descriptive analysis of the group's path, drawing parallels between Paulo Freire's theory on educational practice and the creative processes of A_GIRA, pointing out the importance of this experience in the formation of the author as an artist-researcher-teacher

KEY WORDS: autonomy; freedom; Paulo Freire; creation process; Art Research and Reflection Group;

LISTA DE SIGLAS

A_GIRA	Grupo de Investigação e Reflexão em artes
BH	Belo Horizonte
CEFART	Centro de Formação Artística e Tecnológica da Fundação Clóvis Salgado
EBA	Escola de Belas Artes
FAE	Faculdade de Educação
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão
OSCIP	Organização da sociedade civil de interesse público
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TU	Teatro Universitário da UFMG

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cartaz de divulgação Webkintais 1 ^a edição.....	34
Figura 2 – Thais Eduarda	41
Figura 3 – Adriana Chaves	42

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Conversa indisciplinada: momento de criação	31
Foto 2 – Conversa indisciplinada: momento de pesquisa.....	31
Foto 3 – A matriz indócil da negociação	43
Foto 4 – A matriz indócil da negociação	44
Foto 5 – A matriz indócil da negociação	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
TEATRO UNIVERSITÁRIO E PROJETOS DE EXTENSÃO E ENSINO	
.....	15
ABORDAGEM SÓCIO-CULTURAL, AUTONOMIA E LIBERDADE	22
A_GIRA	28
A GIRA Web kintal de Ideas	32
A_GIRA 2^a EDIÇÃO	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

INTRODUÇÃO

A GIRA é uma plataforma artístico-pedagógica, criada em 2020, que se institui como um campo de imaginação política e estabelece um diálogo entre as escolas técnico-profissionalizantes de teatro com a atuação na cena artística da cidade de Belo Horizonte.

Originada em contexto do Teatro Universitário/UFGM, possui nove artistas com trajetórias diversas e é coordenada pelo pesquisador, ator e diretor, Fabrício Trindade. O grupo demonstrou ser um importante e fundamental espaço de ação formativa e de fomento para novos artistas que estão em busca de autonomia e inserção autogestionada no campo das artes da cena.

Com base nesse contexto, propôs-se um estudo teórico, prático e poético que tem como foco a autonomia, ligada aos processos criativos da A_GIRA, com o intuito de expandir tanto o olhar de artistas recém-egressos de cursos de formação técnico ou superior em teatro, quanto dos docentes da área.

Ao longo da minha trajetória como estudante de licenciatura em Teatro, fui apresentada ao autor Paulo Freire, que me chamou a atenção por destacar a importância da autonomia como pilar da construção da liberdade. Desde então, as teorias de Paulo Freire fazem-se presentes em meus estudos e práticas pessoais, devido ao foco no sujeito como autor das práticas políticas, sociais e culturais.

No ano de 2019 participei da montagem de formatura do Teatro Universitário através do programa de monitoria e apesar da função como monitora ser bem definida no auxílio do professor para o bom andamento da aula, ao longo do processo e na relação com os alunos e professores, tive a oportunidade de exercer um pouco a função de professora em formação, nas atividades de preparação corporal, desenvolvimento de cena, trabalhos com o texto e auxílio na direção. O intuito era contribuir para que o trabalho fosse para além de um exercício cênico, ganhando a cada dia um caráter mais profissional, haja visto o último ano do curso técnico, que tem como uma das propostas a preparação dos alunos para deixar a escola e exercerem o ofício enquanto profissionais da cena. Era um processo de preparação mútuo, eu me preparando para deixar a Universidade e eles o curso técnico em Teatro.

Após a formatura, os estudantes, agora artistas, se organizaram para levar o espetáculo para festivais tanto de Belo Horizonte quanto de outras partes do Brasil, porém, foram surpreendidos por uma pandemia, causada pelo novo corona vírus. Desde março de 2020 a abril de 2023, o Brasil se encontrou em estado de calamidade pública devido à pandemia do corona vírus.

“A crise não foi somente sanitária: anteriormente, já se apresentava cronicamente nos campos da educação, saúde, economia e políticas sociais, colocando todos submersos e sufocados em uma realidade que, não metaoricamente, retirou até mesmo o oxigênio.” (ROHLFS, 2020)¹.

É nesse contexto que surge A GIRA, que tem como principal foco ser um espaço de resistência. Diante do novo cenário, o diretor do espetáculo, Fabricio Trindade² junto ao Teatro Universitário, criou um grupo de pesquisa com intuito de que aqueles artistas tivessem espaço para pesquisar, criar e de alguma forma se colocarem no mercado com suas potencialidades diversas. Assim, os artistas escreveram pequenos projetos de pesquisa com tema, área de atuação e uma possibilidade de produto artístico no qual aquele trabalho poderia desembocar.

Ainda sem ideia da proporção que o trabalho teria, porém com enorme desejo de criar e pesquisar, na época ainda compondo o grupo de monitores dos projetos de extensão do Teatro universitário da UFMG, dediquei-me junto ao coletivo para que o projeto pudesse ser desenvolvido.

Os estudos começaram logo após o decreto de *lockdown* estabelecido como uma das medidas de enfrentamento do novo corona vírus e, sem poder partilhar de encontros e criações presenciais, A_GIRA iniciou suas pesquisas de forma remota, com debates online semanais a respeito dos diversos temas trazidos pelas artistas pesquisadoras.

Durante a trajetória com o grupo, foi possível perceber os enormes conflitos entre ideia e execução, criação e prática, desejo e realização e, durante o processos, já com um olhar docente, pude acompanhar os conflitos individuais

¹ Trecho retirado de um trabalho acadêmico que desenvolvi junto a Erika Rolfs sobre Metodologias Teatrais na pandemia.

² Multiartista, professor de Artes, Teatro e Literatura. Doutor em Artes da Cena pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e Mestre em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do LECAC - Laboratório de Estudos do Corpo nas Artes da Cena, coordenado pela professora Mônica Ribeiro e do Núcleo de Estudos em Letras e Artes Performáticas (NELAP) coordenado pela professora Sara Rojo.

e coletivos, os caminhos de criação, os ensaios, as barreiras impostas pelo formato remoto e, por fim, a realização das propostas.

Com base no exposto, realizei pesquisas sobre as práticas e métodos desse grupo com a intenção de contribuir para os estudos, ainda que muito recentes, sobre como se deram os processos criativos de artistas diversos em meio à pandemia mundial. Assunto esse que se tornou urgente por colocar todas as classes em condições de vulnerabilidade, obrigando à adaptação de novos formatos de trabalho, estudo, comunicação, sociabilização e estratégias de sobrevivência, mesmo que se insista na forma poética da palavra reinvenção.

Dito isso, não é possível deixar de mencionar que a cidade de Belo Horizonte e região metropolitana possuem cursos de formação de atores e atrizes que são fundamentais para as artes brasileiras e importantes para a capacitação de artistas e agentes da cultura da cidade e, dentro desse cenário, é notório que esses alunos recém-formados e egressos enfrentam desafios ainda mais complexos para se inserirem no mercado de trabalho, sobretudo para constituírem sua trajetória com autonomia.

Ao passar por essa experiência, vários foram os elementos que desencadearam uma reflexão sobre o que permeia o universo de criação/educação e como os artistas do grupo construíram esse caminho junto às adversidades. A partir dos apontamentos, surgem os seguintes questionamentos: Como as práticas de criação da A_GIRA contribuíram na formação e na trajetória das artistas pesquisadoras? Como esse processo criativo dialoga com o campo da pedagogia? De que maneira essa vivência impacta na minha trajetória enquanto professora em formação?

Em busca de responder tais questionamentos, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as vivências remotas e pesquisas fomentadas no grupo A_GIRA, estreitando as fronteiras entre arte, pesquisa e educação, em diálogo com os conceitos de autonomia e liberdade. Como objetivos específicos, buscou-se destacar os projetos de monitoria e de extensão universitária da UFMG; discorrer sobre a abordagem sócio cultural e os conceitos de autonomia e liberdade à luz das obras de Paulo Freire; e apresentar A_GIRA e sua trajetória, estabelecendo uma conexão entre o processo de criação artística e o campo da licenciatura, à luz das noções de autonomia e liberdade.

Para tal, faço um estudo reflexivo das vivências remotas do grupo, revisitando os documentos e arquivos do grupo, em diálogo com o campo da pedagogia e licenciatura. Nessa pesquisa bibliográfica e documental, destaco também, a obra de duas artistas pesquisadoras, Adriana Chaves e Thais Araújo, de forma a investigar em suas trajetórias a relação entre autonomia, liberdade e criação.

A partir do estudo dos percursos da A_GIRA, aliada a minha experiência com o grupo, pretendo colaborar com a formação de artistas e professores, principalmente recém-egressos de cursos técnicos ou superior, para que possam encontrar caminhos, desenvolvendo autonomia em sua carreira, seja ela enquanto artista-pesquisador, professor ou a união dos três.

O presente estudo foi elaborado em três capítulos. No primeiro, irei abordar sobre os projetos de extensão e ensino da UFMG, destacando os aspectos da formação docente na área artística. Falarei da minha vivência enquanto monitora no T.U e da minha relação com o processo criativo da turma de formandos de 2019, chegando ao surgimento do Grupo de Investigação e Reflexão em Arte.

No segundo capítulo, apresentarei a abordagem sócio cultural, aprofundando nas teorias de Paulo Freire sobre a prática educativa. Nesse capítulo, contextualizo o leitor sobre a referência pedagógica que irei abordar, analisando os principais pontos do pensamento de Paulo Freire em consonância com o meu percurso enquanto artista-pesquisadora-docente em formação.

No terceiro capítulo apresento o Grupo de investigação e reflexão em arte e vou alinhavando a trajetória do grupo a construção do pensamento e prática de Freire rumo a uma educação pautada em autonomia e liberdade. Farei uma análise das etapas e metodologias da A_GIRA, guiada pelos capítulos do livro *Pedagogia da Autonomia*, principalmente pelos títulos dos capítulos: Ensinar exige pesquisa, Ensinar exige criticidade, Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, Ensinar é uma especificidade humana, Ensinar exige respeito a autonomia do ser educando e Ensinar exige consciência do inacabamento.

Aqui, faço uma divisão entre a 1^a e a 2^a edição da A_GIRA e vou traçando uma ligação entre o campo da pedagogia e o campo das artes. Ao final do capítulo, farei uma breve análise dos processos criativos das artistas Adriana

Chaves e Thais Araújo, conectando os processos e as obras apresentadas, aos conceitos de autonomia e liberdade de Paulo Freire.

Ao longo do trabalho e nas considerações finais, pontuo como esse processo contribuiu para a minha formação enquanto futura docente, questionando a separação do campo artístico do campo da educação.

TEATRO UNIVERSITÁRIO E PROJETOS DE EXTENSÃO E ENSINO

O Teatro Universitário (T.U.) é uma escola de formação técnica em artes dramáticas com duração de 3 anos. O curso técnico em teatro, tem por objetivo a formação profissional de atores para o exercício desse ofício em setores diversos. Em Belo Horizonte existem vários cursos de formação tecnóloga em artes dramáticas, a destacar o Centro de formação artística e tecnológica do Palácio das Artes (CEFART), a escola de Teatro PUC-MG, que assim como o T.U., tem em sua grade curricular, disciplinas de diversas áreas do campo cênico como iluminação, cenografia e figurino, trilha sonora, dramaturgia, produção cultural. Segundo o projeto pedagógico da escola:

[...] o Teatro Universitário afirma-se como uma escola de educação profissional voltada, especialmente, à profissionalização no campo ampliado da Arte Dramática, intermediado principalmente por nexos da Arte circense, Canto, Música, Dança e Produção Técnica Teatral [...] (T.U., 2015, p. 4).

É importante destacar que o T.U. é uma escola técnica, vinculada à Escola de Educação Básica e Profissional (EBAP) da Universidade Federal de Minas Gerais, e esse vínculo está diretamente relacionado aos projetos de extensão e ensino da Universidade.

Os projetos de extensão caracterizam-se pelo vínculo entre ensino, sociedade e pesquisa. Segundo o primeiro Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX), a extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade (FORPROEX, 2012).

É possível inferir que a extensão universitária está diretamente ligada à relação entre o conhecimento acadêmico e a população, e tem entre seus objetivos, também definidos pelo FORPROEX: reafirmar-se como processo

efetivo de relação entre realidade, formação do estudante, qualificação do professor e intercâmbio com a sociedade; contribuir para a solução de grandes problemas sociais; estimular o desenvolvimento entre as relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais entre setores; priorizar práticas que atendam às necessidades das áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos, Educação, entre outras; estimular o uso das tecnologias para melhoria da qualidade da educação e ampliação de oportunidades; e considerar atividades que promovem o desenvolvimento, produção e preservação da cultura e da arte para afirmação de uma identidade nacional e suas manifestações regionais. (FORPROEX, 2012)

Com uma trajetória de quase setenta anos, o Teatro Universitário nasce como um projeto de extensão, e é a escola técnica de teatro mais antiga de Belo Horizonte. Surgiu em 1947, a partir de um grupo de teatro da antiga Universidade de Minas Gerais (UMG), com nome de “Teatro de Estudantes”. Em 1952 assume o caráter de escola e passa a ser uma referência formativa na área teatral (CARVALHO; PEDRON, 2019).

Em seu projeto pedagógico de 2015 o T.U. (2015, p. 7), “[...] define como princípios gerais os valores éticos da educação, pautados na construção de uma educação cidadã, com apreço à liberdade e à solidariedade humana [...]. Dessa forma, ao consultar o projeto pedagógico da escola, depara-se com um pensamento de formação que se estende à formação prática e técnica. Nele é possível notar o comprometimento da escola com a formação humana e cidadã de cada aluno.

No que diz respeito à importância da ética na educação, Paulo Freire afirma que:

Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. (Freire, 2022, p.34)

O autor insiste que a formação vai além do treinamento de habilidades, ou da capacitação pura do educando para o exercício de uma função, educar deve estar atrelado aos princípios éticos. É importante destacar que em seu

texto, deixa claro a qual ética ele se refere, fazendo uma diferenciação entre o que ele define como ética de mercado e ética universal do ser humano.

À luz de Freire (2022, p.17) em sua reflexão de que “Falo da ética que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer [...] golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia [...]”, é possível afirmar que o T.U enfatiza em seu plano pedagógico, embasando-se nessa relação entre ética e ensino proposta por Freire, quando diz do compromisso com o ensino profissional, vinculado aos valores e princípios do fazer artístico dos mais de sessenta anos de trajetória da escola (T.U., 2015).

O vínculo inicial do Teatro Universitário com o projeto de extensão da universidade e sua relação com os espaços da cidade, já apontam a função da educação superior na prática conforme disposto no artigo 43, parágrafo VIII, da LDB³, o qual define que a educação superior tem a finalidade de atuar em favor da universalização e também do aprimoramento da educação básica, através da pesquisa e extensão (BRASIL, 1996).

A escola teve diversas sedes antes de se mudar definitivamente para o Campus da universidade. Sua primeira sede, em 1947, foi na rua Rio de Janeiro, no centro da cidade, mas também teve sede no Edifício Acaíaca e na antiga escola de veterinária da rua Carangola, que foi seu último endereço antes do definitivo e atual. Hoje, na Escola de Belas Artes, divide espaço com o curso de graduação em Teatro (CARVALHO; PEDRON, 2019).

A mudança do centro da cidade em direção ao campus universitário, fez com que ele perdesse um pouco as características de relação direta com a cidade. Sob o ponto de vista do espaço, para Carvalho e Pedron:

O TU passou a se deslocar ao encontro da instituição e, nesse sentido, perdeu o espaço indenitário que o qualificava [...] A imagem espacial do TU tornou-se fragmentada, tendo sido absorvida por esses vários lugares, principalmente, sua última morada antes do Campus, no “Coleginho”. A vinda ao Campus, simbolicamente falando, ainda exige que o TU se ajuste e se enquadre a algo completamente estranho a sua natureza [...] (CARVALHO; PEDRON, 2019, p. 5).

Ainda que as mudanças de espaço tenham trazido dificuldades de adaptação da escola ao ambiente institucional e acadêmico, foi o que permitiu

³ Lei de diretrizes e bases da educação, define e regulariza a organização da educação brasileira de acordo com os princípios da Constituição Federal.

que a relação formativa que foi estabelecida com a escola se estreitasse a partir do programa de monitoria vivenciado posteriormente.

No primeiro semestre de 2019, o programa de monitoria do Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) abriu uma vaga para monitor da disciplina de interpretação teatral, para acompanhar a turma de formandos daquele ano. Buscou-se acompanhar junto ao professor a rotina da aula, atendendo as necessidades da turma e do docente no decorrer da convivência diária com os alunos em função do conteúdo teórico e prático.

Quando Freire fala sobre a prática educativo-crítica, destaca," A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo." (FREIRE, 2022, p. 24). O objetivo era observar o processo criativo e pedagógico desenvolvido e auxiliar os alunos em relação às suas dúvidas, em busca de ampliar a percepção para as várias etapas dos processos de criação, desde os exercícios corporais, os estímulos para a criação das cenas, até os textos e referências teóricas.

Nesse sentido, o professor Rogério Lopes ⁴dava espaço para intervenções a partir de um diálogo horizontal com a turma. Essa relação proporcionou um trabalho que ia além do conteúdo programático da disciplina, mas também abrangendo a criação de um ambiente de aprendizado coletivo.

Dentro do caminho de formação dos alunos no curso torna-se perceptível a disciplina de Interpretação Teatral como uma amalgama, na qual os alunos são convidados a atuar com mais autonomia e liberdade criativa em direção ao processo de montagem do espetáculo de formatura, sob uma perspectiva freiriana.

A condução do processo deu-se no entrecruzamento das técnicas e teorias que se apresentaram durante o curso, e que agora foram experimentadas de maneira ampla, quando nesta disciplina os alunos foram desafiados a pensar no ofício cênico em toda sua estrutura, desde a iluminação, figurino, cenário, dramaturgia, trilha sonora e espaço de apresentação. Para além dos elementos

⁴ Professor do Teatro Universitário e do Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG. Possui Doutorado Direto em Artes Cênicas (2011) pelo Instituto de Artes da UNICAMP/Centro de Estudos de Antropologia do ISCTE em Lisboa/Portugal. É ator formado pelo TU/UFMG (1995) e possui graduação em Ciências Sociais pela mesma instituição (2002).

da construção de um espetáculo foi importante pensar em como trabalhar as potências individuais de cada aluno em conexão com o coletivo.

Para mim, como monitora, apresentou-se um grande desafio profissional, pois junto ao diálogo horizontal proposto pelos professores, estava a responsabilidade de atuar em sala como observadora e provocadora em um processo de formação. Essa autonomia, somada às experiências com os alunos e também fora de sala, deu início à construção da trajetória enquanto pesquisadora e futura docente.

Estar em uma escola técnica direcionada para alunos que escolheram o teatro como profissão trouxe uma aproximação da prática docente enquanto futura professora de teatro, capaz de trabalhar as artes da cena não só como ferramenta pedagógica, mas com o foco na formação de futuras atrizes e atores.

Nesse contexto, não estamos falando de teatro como método de ensino ou como recurso da aprendizagem, o teatro aqui, não se faz meio, ele é foco e objeto direto de estudo para docentes e discentes.

Segundo Freitas, I.M.S, J.O.C.B; Braga, M.M.S.C e França, M.L.S.M (2011, p. 68), a construção da identidade profissional de um professor é um processo em que este se coloca de modo ativo e questionador, capaz de experimentar e refletir de forma interativa proporcionando a mudança.

Dessa fusão entre extensão e ensino, em 2020 cria-se o Grupo de investigação e reflexão em arte (A_GIRA), um grupo de pesquisa e prática que surgiu do encontro de alunos egressos do Teatro Universitário, na finalização do curso com o espetáculo +55. Vislumbrando a circulação do espetáculo e a continuidade das pesquisas, alunos e escola se reinventaram dentro do cenário pandêmico. O trabalho teve início no mês de julho do referido ano, data em que foi realizada a primeira reunião e na qual o projeto foi apresentado pelo professor Fabrício Trindade em parceria com a professora Tereza Bruzzi⁵ e o coordenador Jefferson Góes⁶.

⁵ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (1996) e mestrado em London Consortium Humanities and Cultural Studies - Birkbeck College - University of London (2008) e é doutoranda na Escola de Belas Artes/UFMG. Desde 2014 é professora do Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶ Mestrando em Administração pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG e trabalhador da Educação Pública no Teatro Universitário (TU) da UFMG, no cargo de Técnico Administrativo desde 2011. Especialista em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva, pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro;

Estabelecendo uma relação direta entre o processo criativo no campo da arte e o processo de pesquisa, no qual o processo criativo também se mostra como um processo de pesquisa e investigação, ressalta-se que a A_GIRA partiu de questionamentos, os quais foram se transformando ao longo dos encontros e evidentes na proposta pedagógica. Nessa, as artistas foram convocadas para um desdobramento do espetáculo.

O projeto A_GIRA, surgiu a partir do desejo dos alunos egressos da escola de Teatro Universitário da UFMG em dar continuidade ao espetáculo de formatura, “+55”, da turma de 2019. Os alunos organizaram-se para enviar o material do espetáculo para possíveis festivais, até serem surpreendidos com uma pandemia mundial, causada pelo Novo Corona Vírus, que levou a uma paralisação geral diante da vida e seus acontecimentos, tudo ali estava prestes a mudar e foi nesse contexto que o diretor do espetáculo Fabrício Trindade em parceria com a escola (T.U), desenvolveu um projeto de extensão que tinha como principal objetivo dar continuidade ao fazer artístico em suas multilinguagens.

O espetáculo “+55 – Inverter-te-ei antes que te transformem mais uma vez em um mal entendido”, foi um espetáculo construído coletivamente, a partir da trajetória de cada estudante e as questões levantadas por eles em sala. Os 24 atores e atrizes, fizeram uma composição de dramaturgia coletiva que discutia questões raciais, de identidade, de gênero, de trabalho, crenças em questionamento da construção da identidade do Brasil, a partir de linguagens diversas que perpassavam a música, vídeo, performance, mascaramento, dança.

A_GIRA reuniu os alunos interessados em seguir com o trabalho e também alimentar seus desejos e práticas artísticas a partir da escrita de um projeto individual de pesquisa e prática a ser compartilhado e desenvolvido em coletivo.

Cada artista enviou seu projeto com a premissa de que o tema ou objeto de pesquisa estivesse relacionado com o espetáculo já apresentado, mas com a possibilidade de escolher uma linguagem justa ou coerente com o que cada artista se interessava, iniciando ali, um rompimento com a linguagem teatral, que não era um rompimento excludente e sim do desdobramento de novas linguagens. Linguagens essas já propostas pelos estudantes no espetáculo,

como vídeo, performance, fotografia, poema, música.

A trajetória estava disposta em quatro etapas, elaboração do projeto, realização dos encontros temáticos virtuais (ETV), realização dos encontros temáticos virtuais (ETV) sugeridos com o foco na finalização dos produtos artísticos e compartilhamento das invenções e abertura do processo às alunas, alunos, professores e técnicos do T.U, assim como para a comunidade em geral para compartilhar a trajetória da pesquisa.

Dentro dessas etapas é possível destacar que o processo educativo em teatro comprehende práticas pedagógicas que possibilitam e favorecem o acesso ao saber científico com vistas à transformação social, em busca de melhorias na ação educativa, a exemplo da forma como a trajetória na A GIRA impacta o ser professor, possibilitando refletir sobre os desafios e possibilidades nesse contexto e independente das intempéries que surjam no percurso da prática docente.

A relação pré-existente com os artistas pesquisadores dentro do Teatro Universitário foi fundamental para que aquele processo de pesquisa e criação em meio à pandemia mundial fosse além de desafiador, um espaço propício para o exercício do saber. O começo de novas relações com o trabalho, pesquisa, ensino, com a própria casa, hábitos e com o fazer artístico, foi experimentado por todos nós, bem como a urgência em compreender que a educação não poderia estar restrita à escola, e que os espaços deveriam ser reinventados, rompendo as barreiras físicas e presenciais as quais já estávamos mais que habituados.

ABORDAGEM SÓCIO-CULTURAL, AUTONOMIA E LIBERDADE

A abordagem sociocultural surge no período pós segunda guerra, a partir da urgência em democratizar a cultura e valorizar o povo, entendendo que esse deveria ser sujeito dos processos sócio-políticos-culturais. Tal abordagem manifestou-se de forma distinta em cada país e no Brasil, de acordo com (MIZUKAMI, 1986, p. 85) a obra de Paulo Freire, junto à sua preocupação com a cultura popular, é uma das principais referências.

A proposta do método de Freire visa reforçar a reflexão crítica, problematizando e questionando sobre a realidade e sobre o contexto socioeconômico no qual se está inserido. A partir daí é possível promover um processo de conscientização sobre sua própria responsabilidade social e política, gerando uma nova forma de pensar e assim fazendo da educação um ato libertador (FREIRE, 1986).

Apesar do trecho acima fazer referência aos estudos de Paulo Freire ligados à educação formal e em especial a alfabetização, reforço que a pesquisa no campo da pedagogia teatral dialoga com os pensamentos do professor, à medida que o teatro nos convida a todo tempo a uma reflexão histórica, política, social e cultural. Pensar teatro é pensar também em educação.

No intuito de resgatar a cidadania e estimular a luta contra as verdades prontas e impostas, Freire (2015, p. 24) afirma que as pessoas seriam agentes de transformação e mudança, uma vez que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Esta educação libertadora tem caráter qualitativo, valorizando mais o processo de busca pelo aprendizado e o potencial de transformação da própria realidade do sujeito e do mundo que o cerca.

Na obra de Freire, o homem é o sujeito da educação e, apesar de uma grande ênfase no sujeito, evidencia-se uma tendência interacionista, já que a interação homem-mundo, sujeito-objeto é imprescindível para que o ser humano se desenvolva e se torne sujeito e sua práxis (MIZUKAMI, 1986, p. 86)

No contexto defendido por Freire (1978), o homem é o sujeito da educação, num processo interacionista em que ele muda o seu contexto e por ele é mudado, desenvolvendo-se como ser humano e também desenvolvendo

seu próprio conhecimento acerca do mundo à sua volta. Assim, não existem seres senão concretos, situados num contexto histórico.

Freire (1978) possui uma preocupação constante com a cultura popular, fenômeno este surgido após a Segunda Guerra Mundial e que se liga à problemática da democratização da cultura. Sua teoria abriu caminho para uma pedagogia voltada para o diálogo e para o respeito às identidades dos alunos e seus contextos e culturas, numa abordagem crítica e multicultural.

Sendo o homem sujeito de sua própria educação, toda ação educativa deverá promover o próprio indivíduo e não ser instrumento de ajuste deste à sociedade [...] graças à consciência crítica [...] ele assumirá cada vez mais esse papel de sujeito, escolhendo e decidindo, libertando-se [...] (MIZUKAMI, 1986, p. 86-87)

Segundo Mizukami (1986, p. 86), “a educação para ser válida, deve levar em conta [...] tanto a vocação ontológica do homem (vocação de ser sujeito) quanto às condições nas quais ele vive (contexto)”. Sendo assim, o homem chegará a ser sujeito por meio da reflexão sobre seu ambiente concreto. Quanto mais se reflete sobre a realidade, mais se compromete a intervir para mudá-la. O ser cria a cultura à medida que se integra nas condições de seu próprio contexto de vida, refletindo e respondendo aos desafios impostos, sendo a cultura todo resultado da atividade humana e constituindo a aquisição sistemática da experiência humana, crítica e criadora.

“A participação do homem como sujeito na sociedade, na cultura, na história, se faz na medida de sua conscientização, a qual implica na desmistificação. O opressor mitifica a realidade e o oprimido a capta de maneira mítica e não crítica [...], sendo assim, o mito mantém a realidade da estrutura dominante. (MIZUKAMI, 1986, p. 88)

Mizukami (1986, p. 88-89) afirma que “[...] Muitas vezes, para que o sujeito se reconheça no objeto [...] é necessário que ele reconheça o objeto como uma situação real na qual se encontra com outros sujeitos [...]”, ou seja, é necessário contextualizar o conhecimento para que o mesmo possa ter um significado para o sujeito e assim ele se reconheça no processo e vivencie um ensino significativo.

Para Mizukami (1986, p. 90-91), “[...] A resposta que o homem dá a cada desafio não só modifica a realidade em que está inserido, como também a si próprio, cada vez mais e de maneira sempre diferente (perspectiva interacionista

na elaboração do conhecimento)". Essa perspectiva interacionista por si só já traz significado ao ensino/aprendizagem e é um poderoso aliado para que o aluno evolua cada vez mais em busca por modificar ao meio e a si mesmo.

A elaboração e o desenvolvimento do conhecimento estão ligados ao processo de conscientização. O conhecimento é elaborado e criado a partir do mútuo condicionamento, pensamento e prática. Como processo e resultado, consiste ele na superação da dicotomia sujeito-objeto (MIZUKAMI, 1986, p. 91)

O processo de conscientização é sempre inacabado, contínuo e progressivo, segundo Mizukami (1986, p. 91). É algo progressivo e gradativo, que deve ser alimentado tanto pelo aluno, quanto pelo professor e até mesmo pela instituição de ensino, ao promover recursos para que esse processo se faça e gere resultados para toda a sociedade. Com isso a criticidade desenvolvida pelo sujeito implicará numa crescente apropriação, pelo homem, de próprio contexto.

Assim, Mizukami (1986) afirma que toda ação educativa deve ser precedida de uma análise do meio de vida desse sujeito, para que ele se eduque. Sendo assim, o homem se torna o sujeito da educação, conduzindo todo o processo de acordo com seu contexto, realidade e especificidades.

Mizukami (1986, p. 94) afirma também que “A ausência de uma reflexão sobre o homem [...] o reduzem à condição de objeto. [...] a ausência de uma análise do meio cultural implica [...] realizar uma educação pré-fabricada, não adaptada ao homem concreto a quem se destina”.

Inovar as aulas, tornando-as atrativas e motivadoras para o aluno representa um importante passo para o ajudar a vencer as dificuldades, não sendo uma tarefa fácil devido às dificuldades na infraestrutura disponibilizada e também os recursos pedagógicos disponíveis. É necessário que o professor seja também um pesquisador e crítico social, superando modelos prontos ou pré-fabricados de ensino, muitas vezes adaptando o material disponível e até produzindo novos que atendam verdadeiramente as necessidades e expectativas, rumo a um ensino de qualidade. Apesar disso representar uma mudança radical de postura para muitos docentes, é algo imprescindível para combater uma educação burguesa e dominadora, que desvaloriza e suprime a cultura popular e as classes menos favorecidas.

Na obra de Paulo Freire, a educação assume caráter amplo, não restrita à escola em si e nem a um processo de educação formal. [...] a

escola [...] deve ser [...] um local onde seja possível o crescimento mútuo do professor e dos alunos, no processo de conscientização, o que implica uma escola diferente da que se tem atualmente, com seus currículos e prioridades (MIZUKAMI, 1986, p. 95).

Freire (1978) considera a educação num sentido amplo que transcende o ambiente escolar e perpassa por todas as áreas e contextos, não se restringindo à educação formal.

Nesse sentido, é importante dizer que o Grupo A_GIRA não exclui as instituições educacionais, mas entende que a prática do saber e da educação não devem ser exclusivas do ambiente formal, destacando que não deve haver barreiras ou limitações para o conhecimento. Viver é estar em constante aprendizado, aprendemos com as relações familiares, no convívio social, assistindo uma peça de teatro, preparando uma comida e também nas escolas, universidades e demais campos formativos.

Segundo Mizukami (1986, p. 97), “Uma situação de ensino-aprendizagem [...] deverá procurar a superação da relação opressor-oprimido [...]” e é nesse ponto que a busca pela emancipação se aplica, como forma de uma educação libertadora, que conscientiza o aluno e permite que ele mude o mundo à sua volta.

Mizukami (1986, p. 97-98) também afirma que “A verdadeira educação [...] consiste na educação problematizadora [...]. A dialogicidade é a essência desta educação [...]. Somente através do diálogo será possível democratizar a cultura. Isso implica num ensino horizontal, no qual o professor não se coloca num pedestal de superioridade e sim acessível aos alunos, atuando como um mediador do conhecimento e induzindo aos alunos refletirem sobre seus contextos, problematizando questões importantes para sua emancipação e valorização de sua cultura.

Mizukami (1986, p. 79) ressalta que “A relação professor aluno é horizontal e não imposta [...]. Essa relação é conquistada com base no diálogo e no respeito, de forma que o ensino se dê bilateralmente, com ganhos para todos.

Um professor que esteja engajado numa prática transformadora procurará desmistificar e questionar, com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e a cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza cultura [...] (MIZUKAMI, 1986, p. 99).

Nessa perspectiva de ensino, o professor deve estar engajado numa prática transformadora, desmistificando e questionando juntamente com o aluno a cultura dominantes e assim promovendo sua emancipação deste sistema, de forma crítica e consciente. Assim, a cultura e a linguagem do aluno passam a ser valorizados, criando condições para que ele pense, reflita e transforme seu contexto ao produzir e valorizar sua própria cultura.

Segundo Mizukami (1986, p. 99), “Haverá preocupação com cada aluno em si, com o processo e não com os produtos de aprendizagem acadêmica padronizados [...]. É um processo trabalhoso que envolve um grande desafio e mudanças de postura frente ao ensino e ao conhecimento e respeito a si e aos outros, porém é algo libertador que deve ser incentivado.

Essa luta é uma luta pela igualdade e pela valorização da cultura popular, das classes menos favorecidas. Deve-se para isso conhecer cada aluno e assim dedicar-se ao processo, sem se preocupar com um ensino padronizado e pré-fabricado, que não representa nenhum significado para o aluno e seu contexto de vida.

A busca do tema gerador objetiva explicitar o pensamento do homem sobre a realidade e sua ação sobre ela, o que constitui a sua práxis. Na medida em que os homens participam ativamente da exploração de suas temáticas, sua consciência crítica da realidade se aprofunda (MIZUKAMI, 1986, p. 100).

Segundo Mizukami (1986), sobre a posição interacionista, os homens encontram-se imersos em condições que os influenciam e nas quais eles também influem, sendo que o desenvolvimento consiste nesta interação construtivista.

Dessa forma, é possível afirmar que a teoria de Freire tem enorme contribuição para o ensino do teatro, a partir do momento que passamos a considerar o sujeito como principal foco da ação educativa em qualquer área do conhecimento e, se estamos de fato comprometidos com os educandos/artistas, é partir da validação e entendimento de suas trajetórias que construímos uma cultura sólida e formamos sujeitos autônomos. Freire também destaca a importância do diálogo para caminharmos em direção a uma cultura de fato democrática e, para isso, é essencial que a relação entre educador e educando seja horizontal, na qual o educador não se coloca em posição de superioridade, mas disposto e aberto a ser um mediador do conhecimento. Tais considerações

a respeito da teoria de Freire ultrapassam a área de conhecimento, são teorias que podem ser aplicadas em uma sala de engenharia ou de teatro, tal qual nosso foco, o grande questionamento, aqui, é o posicionamento do professor em relação a qual teoria quer colocar em prática.

A_GIRA

No dia 17 de julho de 2020, foi realizada a primeira reunião online, na qual a professora do Teatro Universitário Tereza Bruzzi junto ao diretor Fabrício Trindade e o coordenador Jefferson Góes, apresentaram o projeto de extensão A_GIRA para os alunos egressos do ano de 2019. Minha relação com o projeto deu-se através da monitoria e estende-se para além das relações burocráticas da Universidade, a partir do meu envolvimento com o processo criativo, com a escola e com os alunos.

Nesse encontro, foi apresentada a ideia do grupo, o plano pedagógico, os procedimentos e as funções, funções essas que não estavam divididas necessariamente por hierarquia, mas como fio condutor para a organização e desenvolvimento da proposta. O plano pedagógico partiu de três eixos principais, investigar, compartilhar e inventar, como destacado no projeto:

“PROPOSTA – Grupo de pesquisa e produção em Arte (investiga | compartilha | inventa). Retomar e estabelecer no campo digital os processos de reflexão e criação a partir das questões e composições cênicas do espetáculo +55: desmontagem e recriação. “(documento a gira 2020) ⁷

Com base nessa proposta, A_GIRA dividiu-se em 4 etapas, que consistiram em: Elaboração do projeto, desenvolvimento da pesquisa a partir de encontros virtuais, debates online temáticos, finalização e apresentação.

Na primeira etapa, os integrantes precisavam elaborar um projeto de pesquisa e criação, com a ideia detalhada. Para a escrita dos projetos individuais o grupo partiu das seguintes perguntas: Qual a temática? A partir de qual cena? Por que é importante? Como se daria a criação? Quais são as metas e/ou produtos? Qual a linguagem artística que será utilizada? Quais demandas técnicas (necessidade de equipamentos do T.U)?

Fazer da educação um ato reflexivo exige curiosidade. Ao analisar o projeto pedagógico, essa ação se faz presente no início da proposta, na qual os integrantes do grupo são convidados a partir de perguntas norteadoras a

⁷ Trecho retirado do documento: Proposta pedagógica Gira, disponível no Drive do grupo para consulta interna.

pensar sobre o que querem falar, qual a relevância do tema, o objetivo da pesquisa e a sua realização na prática.

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (FREIRE, 2022, p. 83)

Como afirmado por Freire, a curiosidade é um elemento fundamental para a prática educativo-crítica e conseguir se afastar do objeto de pesquisa para observá-lo com criticidade é fundamental.

Apesar do cenário não ser o mais favorável, a partir do momento em que as apresentações do espetáculo foram interrompidas pela pandemia mundial, essa pausa fez com que o grupo “tomassem distância” do objeto ou obra (o espetáculo em si) para em seguida ser convocado a uma prática de análise crítica e reflexiva do mesmo. Esse movimento foi fundamental para que cada integrante fizesse uma análise individual das cenas e da experiência vivida.

Freire não estava falando desse cenário específico, mas ao analisar esse movimento, consigo perceber a importância dos acontecimentos que nos cercam, que corroboraram para o exercício do pensamento crítico dentro do grupo e como a citação do autor se faz presente, para nós futuros docentes que podemos exercitar intencionalmente com os educandos a curiosidade através da pergunta, da comparação e do distanciamento do objeto.

Junto à escrita do projeto os integrantes deveriam sugerir uma pauta de discussão para o início da segunda etapa, que seriam os Encontros Virtuais Temáticos, ou os chamados (EVT), que poderiam ser em formato de palestra ou Webinário, com ou sem convidados.

Com base no projeto pedagógico, esses encontros é que estruturaram o grupo em formato de estudo e compreensão reflexiva das questões que gostaríamos de desenvolver. Na terceira etapa, os EVT seriam direcionados à finalização dos produtos artísticos, seguidos pelo compartilhamento interno das invenções durante o processo.

Na quarta e última etapa, a partir de conversas online, abertas, aconteceria a abertura do processo para a comunidade escolar do T.U e também para o público em geral, com foco no compartilhamento da pesquisa e do material produzido.

Dentro dessas etapas consolidaram-se os eixos propostos para cada uma delas: reflexão, processo de criação em arte, compartilhamento da investigação, registros e memória.

Com foco na minha formação docente, nesse momento inicial de experiência na Gira, destaco a importância do plano pedagógico e das metodologias como parte fundamental de um processo de ensino e aprendizagem, ainda que não dentro do ambiente escolar ou acadêmico. Ouso dizer, que, sem tais planejamentos dificilmente as pretensões de pesquisa, investigação, criação e partilha seriam possíveis

O início oficial da execução da primeira etapa da GIRA, foi em 25 de agosto de 2020, as propostas estavam feitas e o coletivo reunido para então começarmos os estudos e práticas. As linguagens propostas foram diversas, como a performance, audiovisual, dramaturgia e intervenções urbanas e os EVT'S aconteciam semanalmente em formato remoto, conectados aos celulares ou computadores, tateamos uma nova forma de relacionar e pensar a arte.

Confesso que o formato remoto, a princípio me gerou um incômodo, mas logo reconheci a ferramenta como importante aliada.⁸

Nos encontros semanais iniciou-se o processo de investigação, intitulado de “conversas indisciplinadas”, com leituras de poemas, vídeos, fotografias, textos e trabalhos de artistas de vários segmentos. O encontro acontecia a partir de um debate sobre o material compartilhado, com seriedade e ao mesmo tempo um toque de rebeldia.

Pensar narrativas outras, narrativas que estavam ou que estão invisibilizadas, narrativas que de alguma maneira, ao longo desses nossos processos no nosso continente, no nosso país, elas foram suprimidas, oprimidas, enterradas, assassinadas. Para que outra narrativa se conformasse de maneira hegemônica. (TRINDADE, 2020)
⁹

Nessa fala, na abertura da primeira conversa indisciplinada, Fabrício retoma temas trabalhados no espetáculo, que tratavam sobre questões de invisibilidade do nosso país, traçando um diálogo direto com o racismo,

⁸ Paulo Freire não era um deslumbrado pela tecnologia, entendeu seu potencial como impulso para a curiosidade sem endeusa-la. Enquanto Secretário de educação da cidade de São Paulo, se empenhou para que os computadores chegassem às escolas municipais.

⁹ Fala de Fabrício Trindade na primeira conversa indisciplinada, gravada pelo zoom, disponível no arquivo do Drive da A_GIRA para pesquisa interna.

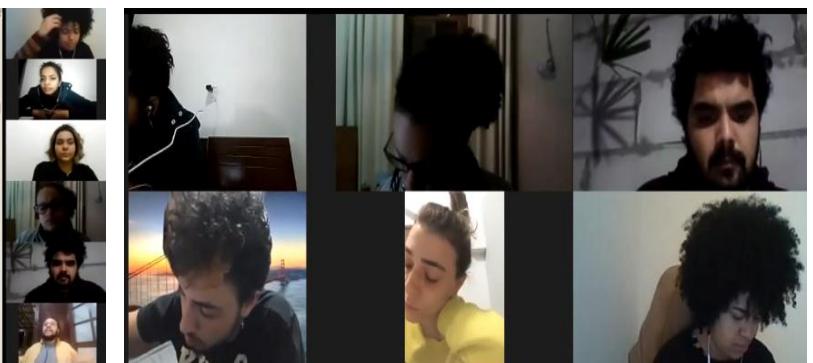
machismo, desigualdade, assassinato dos povos indígenas, da população LGBTQIA+ e com o apagamento da nossa história a partir da colonização europeia. Vale pontuar, que tais temas foram levantados no início do processo de criação do espetáculo, coletivamente.

Foto 2 – Conversa indisciplinada: momento de pesquisa



Drive A_GIRA, 2020

Foto 1 – Conversa indisciplinada: momento de criação



Drive A_GIRA, 2020

Nosso diálogo partiu da tríade: Paródia, apropriação e releitura. Estudamos obras de Marta Neves¹⁰(BH-MG), Ventura Profana¹¹(Salvador/Bahia) e Jota Mombaça (Natal/ Rio Grande do Norte).

A partir do material e discussão sobre as três artistas brasileiras, deu-se a prática inventiva com o exercício ‘Eu me lembro’. As fotos são prints da gravação da primeira conversa indisciplinada que aconteceu no dia 25 de agosto de 2020. Na primeira estávamos discutindo sobre as obras da artista Belo-horizontina Marta Neves, na segunda estamos em prática com o exercício ‘Eu me lembro’, inspirados no poema de Joe Brainard.

Desde o início do processo, Fabrício e Jefferson estabelecem uma relação horizontal com grupo, ao se posicionarem de forma democrática, sem estabelecer uma relação de poder entre quem coordena e quem é coordenado. Nesse primeiro encontro, Fabrício pontua sua função como condutor do processo, mas nos convida ao diálogo, deixando claro que somos todos

¹⁰ Marta Cristina Pereira Neves formou-se em desenho e em cinema de animação pela Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, em 1992. É mestra em artes plásticas em 1999. O trabalho da artista é um exercício de sarcasmo sobre a arte e o sistema que a envolve.

¹¹ Ventura Profana é travesti, de Catú, interior da Bahia. Artista Visual é também cantora, escritora e compositora

responsáveis, criadores e fomentadores da A_GIRA, que a fala, as proposições, pontuações e perguntas de todos são igualmente importantes e fazem parte da construção que ali se iniciava.

Nesse sentido, retomo a afirmação de Mizukami (1986, p. 97), “Uma situação de ensino-aprendizagem [...] deverá procurar a superação da relação opressor-oprimido [...]” e é nesse ponto que a busca pela emancipação se aplica, como forma de uma educação libertadora, que conscientiza o aluno e permite que ele mude o mundo à sua volta.

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1978, p. 45).

Freire pontua a importância do diálogo, me fazendo lembrar mais uma vez que educar não é transmitir conhecimento, nem repassar informações, enquanto educadores, somos responsáveis pela mediação inevitável entre conhecimento, sujeito e mundo.

E dessa forma, iniciamos A_GIRA e seguimos durante os meses de trabalho, ao todo foram quatro encontros virtuais dedicados às "conversas indisciplinadas", que se dividiram entre pesquisa, diálogo e compartilhamento dos exercícios criativos.

A GIRA Web kintal de Ideas

Paralelamente às conversas indisciplinadas, o grupo se organizava para os Webinários com artistas convidados. Durante o processo os EVT'S com artistas convidados, foram intitulados “Web Kintal”, com a intenção de promover uma conversa aconchegante, uma partilha afetiva sobre o fazer artístico e a experiência, na tentativa de desmanchar um pouco com certa rigidez que vez ou outra surge quando estamos falando sobre trabalho, pesquisa, teorias.

Esse foi um momento em que o grupo se reuniu para entrar em contato com coletivos, plataformas e artistas solos. A intenção desses encontros era criar

uma conexão entre nossas propostas de desdobramento e a trajetória de artistas que de alguma forma dialogavam com a nossa pesquisa, linguagem estética e desejo. A partir de um encontro virtual, abrimos um espaço de diálogo para o compartilhamento dessas trajetórias. O grupo dividiu-se em algumas funções, como comunicação, mediação e produção, que envolviam desde a elaboração dos e-mails para as artistas convidadas até a pesquisa sobre a artista e elaboração de um roteiro de apresentação para a condução do encontro online. Precisávamos manter a sintonia e o diálogo para que os encontros se fizessem possíveis e para que realmente conseguíssemos criar um ambiente de conhecimento, a partir do diálogo descontraído, informal e aconchegante.

“Serão seis noites de setembro, **08, 10, 14, 21, 24 e 28**, das **19h às 21h30**, dedicadas a escutar outros sujeitos artistas que caminham e constroem nossa terra latino-americana. A proposta é, em diversidade, nos *tele conectar* para, juntas, efetivar e exercitar a escuta, a participação, conhecer e reconhecer nossas, outras e distintas vivências.”¹²

¹² Texto retirado do arquivo: **Projeto A_GIRA 2ª Edição- Lei Aldir Blanc**, acesso pelo Drive do Grupo de Investigação e Reflexão em Arte.

Figura 1 - Cartaz de divulgação Webkintais 1^a edição

13



¹³ Cartaz de divulgação da programação das Webkintais 1^a edição. Design por Fabrício Trindade, livremente inspirado no desenho de Torres Garcia, "América Invertida".

Esse é o cartaz de divulgação das WebKintais da primeira edição da A_GIRA, ao todo, realizamos 6 encontros divididos nas seguintes linhas: Plataformas Coletivas, Arte na cidade, Linguagem Audiovisual, Imagens palavras e Corpas, Teatros para além do Teatro e Corpas política e arte. A curadoria dos participantes foi feita por Fabrício em diálogo com as nossas propostas criativas.

Foto 3 - Primeira Webkintal: Plataformas Coletivas



Fonte: Drive A_GIRA, 2020

Esta ação, um prenúncio à Primavera, inaugura as práticas da **GIRA - Grupo de Investigação e Reflexão em Arte** ligada ao Projeto de Extensão do Teatro Universitário, Produção e Memória. A **GIRA** é composto por artistas-pesquisadores egressas do Curso técnico em teatro, do TU, e possui Orientação Pedagógica e Artística de Fabrício Trindade e Tereza Bruzzi. Segundo Trindade, “por meio da investigação e criação em Arte, nosso desejo é reconhecer trajetórias artísticas de sujeitos diversas, dissidentes e latinas, para que, a partir e com elas, possamos estabelecer nossas próprias. O movimento-impulso dessa caminhada não é cronologicamente progressivo, mas espiralado, anacrônico e percorre nossas corpas para, como as árvores, fortalecermos nossas raízes permitindo que os galhos, folhas, frutos e flores se espalhem ao vento. Inspirados por Torres García ecoamos, *NOSSO NORTE É O SUL!*” (TRINDADE, 2020).¹⁴

¹⁴ Trecho do convite enviado para o Teatro Universitário, aberto a toda comunidade para participação nas Webkintais da A_GIRA.

A foto marca o início das Webkintais com o tema Plataformas coletivas. Os artistas ou coletivos recebiam também algumas perguntas norteadoras como provocação para nossa conversa que começava às 19:00 e geralmente finalizava às 21:30, o link da sala era compartilhado pelas plataformas digitais, e nossa principal referência de comunicação era o Instagram. Abria-se a sala do zoom alguns minutos antes para os convidados, o grupo fazia a recepção dos artistas como quando se recebe alguém em casa, dando as boas vindas, agradecendo e explicando um pouco sobre como seria a noite e em seguida, a sala virtual era liberada para o acesso dos demais convidados. A conversa de “kintal”, era feita de forma descontraída, estabelecemos uma duração de fala para cada convidado e ao final o chat estava aberto para perguntas, mas durante todo o encontro as câmeras e microfones estavam disponíveis para que a gente pudesse estabelecer um diálogo, quebrando a ideia de palestra ou seminário.

A partir dessa imagem, relembo os encontros com saudade, percebendo a importância de escutar as trajetórias de outros artistas, para a minha formação enquanto educadora, descentralizando o saber e possibilitando espaço de diálogo. O trecho acima é parte do release que descreve a ação das WebKintais, pontuando nossa intenção de forma poética e marcando de onde partimos. O texto finaliza com a frase: “Inspirades por Torres García¹⁵ ecoamos, *NOSO NORTE É O SUL!*”, que se tornou uma grande frase de referência para o grupo, bem como a imagem do mapa da América Invertida¹⁶, que pode ser vista em azul na foto do cartaz de divulgação. Ponto sob a perspectiva da minha vivência na A_GIRA, que esse também é um espaço de aprendizagem, de experiência, compartilhamento de saberes e ideias. Ao todo, conversamos com artistas de linguagens diversas, artistas de São Paulo, Salvador, Ouro Preto, Belo Horizonte e Peru (as vantagens da tecnologia).

Produzimos um bom material e travamos discussões importantes, mas o processo de criação individual ainda caminhava lento, nossos desejos e forças eram colocados a prova em um trabalho tomado por várias inseguranças e

¹⁵ Joaquín Torres-García, foi um pintor, escultor, desenhista, escritor e professor uruguaios de reconhecimento internacional.

¹⁶ O desenho América Invertida feito por Torres García em 1943, tinha a intenção de marcar uma nova era artística e cultural, questionando a hipervalorização de tudo aquilo que tinha origem no hemisfério norte.

desafios que ouso dizer, pairavam no ar de todos aqueles que tentavam resistir em meio a pandemia. É importante reconhecer, que mesmo guiados por um projeto pedagógico e um plano de execução, somos sujeitos em relação e não podemos negar os atravessamentos que surgem por entre o caminho. Ao final das WebKintais, percebemos que os “produtos virtuais” que cada um propôs a serem apresentados na última etapa como desdobramento do espetáculo, não haviam se materializado. De fato, não montamos uma peça virtual, não gravamos cenas, não fizemos um espetáculo pelo zoom, não criamos uma vídeo performance. Concluímos quase todas as etapas propostas: realizamos as conversas indisciplinadas, estivemos em exercício criativo individual e coletivamente e realizamos as WebKintais que tomaram uma proporção enorme como vivência rica no exercício da escuta e no compartilhamento de conhecimento com artistas e educadores de várias partes do mundo. Paramos por aqui, estávamos exaustos! Reconheço a importância de dizer o que foi realizado e também o que não foi, entendendo a necessidade de nos adequar diante dos acontecimentos inesperados da vida e nos reconhecermos como humanos.

[...]o contexto da pandemia que acometeu o mundo em 2020 - algo que, ainda hoje, em 2021, perdura e, no território brasileiro, acentua-se - sublinhou a diluição dos limites e dicotomias cartesianamente convencionadas (nas culturas e modos de vida do que entendemos como ocidente, vale lembrar) entre o ser professor e ser artista; entre corpo-mente; ciência-arte; arte e vida, entre tantas outros. (LÍRIO, 2020, p.166)

Nesse sentido, Lírio traz átona um questionamento que perpassou minha trajetória na universidade, mas está presente no cotidiano de tantas outras artistas que se veem questionando as fronteiras entre arte e educação dentro de um pensamento cartesiano, como afirmado, ganhando um destaque ainda maior no período pandêmico, no qual o artista-professor-pesquisador foi convidado a repensar os modos de fazer e pensar a arte e a vida.

Pontuo em nossa trajetória, todos os acertos, mas pontuo aqui também as falhas, dificuldades ou adaptações que se fizeram necessárias durante essa caminhada. Tivemos dificuldade em relação à tecnologia, em muitos encontros não conseguimos a participação completa do grupo, alguns integrantes deixaram a pesquisa durante o processo e por fim, estávamos rodeados pela insegurança, pelo medo e pelas incertezas diante da crise causada pela

pandemia mundial.

Finalizamos a primeira etapa com uma conversa aberta, com o T.U e o público em geral, seguida de uma conversa só do grupo para partilhas e encerramento daquela etapa.

Ainda com muitas inseguranças, tateando as novas relações a partir do ambiente virtual e entendendo como isso afetava diretamente nosso estado físico, emocional e claro, nossa criação. Volto a Freire que quando fala sobre a prática educativo-crítica, destaca, “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (FREIRE,2022, p. 24).

Segundo o autor a formação dos professores é permanente, pois deve estar em constante reflexão, mas como o mesmo pontua, uma reflexão crítica da prática do ontem, para a melhoria das práticas do amanhã. Freire faz uma análise crítica sobre uma escolha individual para exemplificar tal ponto:

Quando assumo o mal ou os males que o cigarro me pode causar, me move no sentido de evitar os males. Decido, rompo, opto. Mas é na prática de não fumar que a assunção do risco que corro por fumar se concretiza materialmente. (FREIRE, 2022, p.41)

A_GIRA 2^a EDIÇÃO

Iniciamos em 2021 com perspectivas de continuidade mas sem horizontes traçados. O grupo distanciou-se, era cada dia mais urgente cuidar de questões individuais.

Nosso contato manteve-se distante até a abertura da Lei emergencial Aldir Blanc,¹⁷ com editais que contemplavam quase todas as áreas da cultura. Nesse momento, eu e Marina Barros, também integrante do grupo nos organizamos para escrever o projeto no EDITAL N°16/2020 "Seleção de Propostas de Mostras e Festivais Artísticos e Culturais ", rumo à segunda edição da A_GIRA ainda em formato virtual.

Pensando em nossa trajetória na A_GIRA, fomos valorizadas em nosso

¹⁷ Lei elaborada pelo Congresso nacional em 2020, como medida emergencial de auxílio aos grupos mais afetados pelas consequências em razão da pandemia de Covid-19. Foram destinados 3 bilhões de reais para tal.

pensamento, tivemos um diálogo horizontal, participamos ativamente de todas as estampas da primeira edição, tínhamos liberdade de propor e fazer modificações durante os encontros, isso nos motivou a tomada de decisão dessa escrita, pois até ali, conseguimos traçar uma trajetória de pertencimento com o projeto. Tais pontuações, direcionaram nossa escrita com liberdade de pensar a partir das nossas experiências em direção à criação de narrativas próprias, jamais excluindo toda a base do primeiro projeto, que sustentava nosso desejo.

Conversamos com Fabrício e com Jeferson sobre nosso desejo de fazer a inscrição e realizar uma segunda edição da A_GIRA. Naquele momento, Fabrício que finalizava sua tese de doutorado, não conseguia participar ativamente, mas afirmou: A_GIRA é nossa! Jeferson prontificou-se a ler nosso projeto e fazer apontamentos importantes para que esse, fosse aprovado.

Escrevemos o novo projeto e pensamos juntas em novas pautas de discussão, novos artistas convidados, novas datas possíveis de realização. O projeto manteve-se em sua essência, a continuidade estava pautada nos conceitos de reflexão, criação, registro e memória. Permanecemos com as etapas e metodologias: envio dos projetos de pesquisa e criação por parte dos artistas, conversas indisciplinadas e WebKitais, mas acrescentamos ao projeto, Mini cursos de formação direcionados aos materiais que cada artista gostaria de desenvolver, exemplo: se uma artista propusesse vídeo performance, teríamos um Mini Curso de edição, gravação e roteiro, proporcionando ao artista meios para que sua ideia pudesse ser concretizada.

Enviamos o projeto...

Fomos aprovadas no edital e ali começava um novo processo, de criação, de pesquisa, de comemoração e de trabalho. Um processo de autonomia e liberdade!

Entre os dias 08 e 21 de maio de 2021, a 2^a edição da “A_GIRA – Webkintal de Ydeas” será realizada em um novo formato, com a inserção de novas ações em concomitância às webkitais. A integração de 03 oficinas e, também, de uma mostra artística, com a exibição de produções das artistas pesquisadoras da GIRA, são exemplos dos desdobramentos do projeto – este, por sua vez, contemplado pelo Edital LAB-MG nº 16/2020.

Nesse processo, muitos artistas se desligaram do grupo traçando novos rumos, retomamos o encontro com as artistas que ainda desejavam desdobrar a pesquisa e com novas artistas interessadas em participar.

Os encontros que seguiram semanalmente, tomaram um caráter focado e direcionado no interesse de cada artista e paralelo a eles, fizemos uma nova divisão do trabalho e funções para a produção da segunda edição do Festival.

Nessa ação de continuidade, pontuo a importância da primeira edição da A_GIRA, como um lugar de experimentação, no qual ainda tateávamos as novas formas de fazer e pensar a arte, nesse espaço de resistência e descobertas o processo avançou com o amadurecimento do grupo, das propostas e do nosso entendimento sobre as potencialidades daquele coletivo para seguir em desdobramento.

A segunda edição, aconteceu com 4 artistas pesquisadoras: Jéssica Pierina, Saulo Calixto, Adriana Chaves e Thaís Eduarda, que estavam livres para elaborarem suas propostas artísticas, que nessa edição não partiam mais dos desdobramentos do espetáculo +55, mas sim dos desejos e trajetórias individuais de cada integrante.

Nossos encontros semanais para criação foram mantidos e a organização das WebKintais também partiu da pesquisa e projeto de cada artista.

Percebo que a primeira edição teve uma grande importância na construção individual da linguagem de cada integrante, a partir das reflexões que foram estabelecidas e nos encontros com outros artistas, para que agora, nesse segundo momento, as artistas-pesquisadoras tivessem escopo para a criação das próprias narrativas.

Cada artista fez sua proposta, e partir dos encontros semanais, fomos traçando juntos os caminhos individuais da pesquisa e obra de cada uma delas, entendendo desde a linguagem, as fundamentações do trabalho, até as partes de execução, materialidade, tempo de produção e recursos necessários. Cada integrante partilhava um pouco dos seus desejos, criações e referências e juntos o trabalho ia se retroalimentando. Aos poucos cada um ia desenhando seu caminho, dando seguimento a sua pesquisa a partir dos encontros, das WebKintais e em seguida dos Mini Cursos voltados para as necessidades de cada projeto, mas que também foram de livre acesso a toda comunidade.

Dentro dessa segunda edição, gostaria de destacar o processo de duas artistas pesquisadoras, nos quais vi a potência da educação horizontal e a valorização das trajetórias de um sujeito como práxis da construção da sua

Figura 2 – Thais Eduarda



Fonte: Site A_GIRA, 2020

história. Falo aqui do trabalho que essas artistas desenvolveram, e ao falar de suas artes, acabo falando dos próprio sujeito artista e também de mim.

Thaís é atriz, natural de Sete Lagoas e integrante do Grupo Ovorini Carpintaria Cênica. Iniciou e finalizou a pesquisa em sua cidade Natal, Sete Lagoas. Nesse período volta a morar no bairro em que cresceu, rodeado de memórias que fizeram parte da construção de sua história e formação enquanto sujeito. E foi a partir dessas história que iniciou suas pesquisas na A_GIRA e gravou o documentário “Orozimbo”.¹⁸

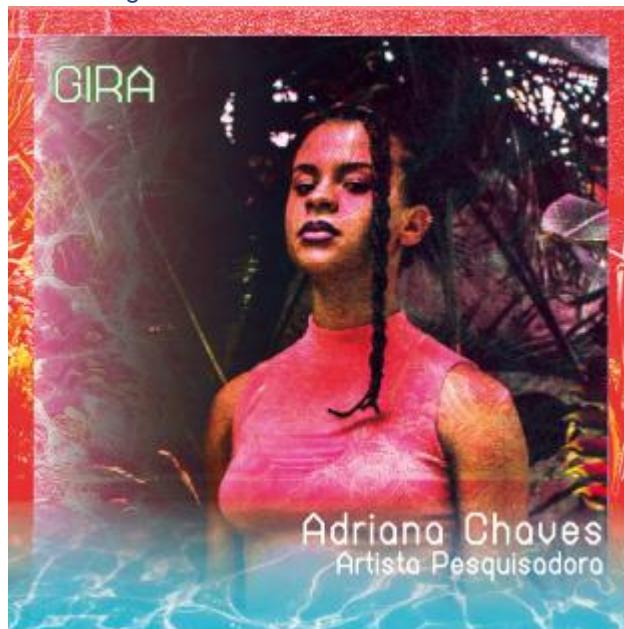
Observando minha comunidade, tendo acesso às informações estatísticas locais, com índices altíssimos de violência e crianças envolvidas no tráfico, como em muitas periferias do Brasil, fui em busca de ouvir os gritos, as alegrias, angústias e conquistas que rodeiam o local das minhas raízes. Adotei a linguagem do audiovisual como forma de registrar as belezas desse tempo, dando o papel de protagonista às pessoas que fazem a história desse lugar, reforçando a importância de

¹⁸Ficha Técnica: Vídeo: Thaís Eduarda -Edição: Thais Eduarda e Gabriel Beltrão -Composição da música: Rafa Martins -Vozes: Jessica Pierina, Adriana Chaves, Rafa Martins. - Produção apoio: Ovorini Carpintaria Cênica e Serpaf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L9euGwyWEpw>.

falar e ouvir suas trajetórias. Aqui, no “Orozimbo”, de onde eu vim! (EDUARDA, 2020).¹⁹

Foi na observação do espaço em que vive, que a atriz questiona e vai em direção às suas inquietações e curiosidades. Sua pesquisa e sua arte são a partir daquilo que tem que ver com sua realidade, com o que faz sentido pra si, com que lhe toca. No documentário, Thais conversa com vizinhos próximos e alguns que ainda não conhecia, vai mapeando sua rua em busca da história daquele bairro, construída por aquelas pessoas que ali vivem. Numa conversa descontraída, encontra com vários moradores e vai descobrindo coisas que ainda não sabia, alguns se envergonhavam diante das câmeras, outros sorriam. Ao final da edição do material Thais exibiu o documentário na praça do bairro para toda a comunidade, deixando um lugar reservado para os entrevistados ou “contadores de história”. A exibição foi feita ao vivo em horário marcado, assistir a esse acontecimento foi precioso e ver a reação daquela comunidade assistindo sua própria história, me faz refletir que é partir das relações que nos fazemos humana.

Figura 3 – Adriana Chaves



Fonte: Site A_GIRA, 2020

¹⁹ Texto elaborado pela artista pesquisadora, Thais Eduarda, sobre o documentário produzido por ela em processo de criação junto aos integrantes da A_GIRA.

Adriana Chaves é natural de Sabará, Minas Gerais. No momento da pesquisa e criação, residia em Santo Amaro da Purificação/BA, onde realizava seus trabalhos nas artes e pesquisa. Adriana mergulhou profundamente na pesquisa de suas raízes. Pensar a partir de sua trajetória familiar a fez traçar um caminho poético e questionador em busca de afirmar suas origens como forma de demarcar no tempo e espaço a importância dessa história.

Foto 3 – A matriz indócil da negociação



Fonte: Drive A_GIRA,2020

Foto 4 – A matriz indócil da negociação



Fonte: Drive A_GIRA, 2021

Foto 5 – A matriz indócil da negociação



Fonte: Drive A_GIRA, 2021

A sequência de imagens faz parte da obra: “A matriz indócil da negociação”, na qual a artista investiga através da foto performance “a representatividade e negociação da diáspora negro africana na modernidade.” (Adriana Chaves).

Em pesquisa sobre a obra, a artista descreve:

O trabalho "A matriz indócil da negociação" faz parte da enunciação de um processo de pesquisa e investigação da artista sobre sua memória cultural familiar, os laços afetivos com a sua avó materna e os deslocamentos e migração existentes. Sua obra dialoga com os paradigmas presentes na representatividade e negociação da diáspora negro africana na modernidade. Deste modo, o trabalho adota a foto performance enquanto linguagem que discorre sobre a auto fotografia e sobre uma performatividade histórica e temporal. Já a vídeo performance "Negociação da ausência" trabalha a integração da imagem, do som, do texto e do movimento em uma dramaturgia em processo.²⁰

Voltando a Freire (1978), O homem cria a cultura à medida que se integra nas condições de seu próprio contexto de vida, refletindo e respondendo aos desafios impostos, sendo a cultura todo resultado da atividade humana e constituindo a aquisição sistemática da experiência humana, crítica e criadora.

Nos trabalhos, as artistas se fazem no espelho de suas vivências, seja na valorização do lugar de onde vieram ou na reconstrução de uma memória a partir da poética, ambos, trabalhos artísticos, não menos políticos.

Mizukami (1986) afirma que toda ação educativa deve ser precedida de uma análise do meio de vida desse sujeito, para que ele se eduque. Sendo assim, o homem se torna o sujeito da educação, conduzindo todo o processo de acordo com seu contexto, realidade e especificidades. Em uma de suas passagens, Freire Pontua:

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo eduko e me eduko. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2020, p. 31)

Faço aqui um paralelo entre a pesquisa e a arte, no qual ambos, guiados pela curiosidade e indagações, buscam, pesquisam, criam e “anunciam a

²⁰ Texto escrito pela artista pesquisadora, Adriana Chaves, ao definir sua Foto performance, intitulada: “A Matriz Indócil da negociação”.

novidade". Os professores em suas aulas, os pesquisadores em suas escritas e os artistas em suas obras.

Em ambas trajetórias, reconheço Freire e sua teoria em direção a afirmação do sujeito enquanto protagonista da sua história, reiterando a responsabilidade do professor de oferecer caminhos para que o sujeito se eduke.

Não tenho a pretensão de unificar os trabalhos e muito menos igualar trajetórias. Minha intenção é trazer os pontos de encontro entre a pedagogia e arte, reconhecendo a importância da interação entre as duas áreas de conhecimento, e me colocando enquanto artista-professora-pesquisadora, que vivenciou um processo, no qual os três campos se fundiram tal qual uma amalgama, me fazendo perder as fronteiras e os limites de onde começava uma e terminava a outra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados, é também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos inserta no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança." (FREIRE, 2022, p. 57)

Aprendi na relação com cada artista, na observação das trajetórias individuais, nos processos de criação e na realização das obras que foram possíveis pela vivência na A_GIRA.

A partir do projeto de extensão e ensino do Teatro Universitário, pude experimentar na prática a continuidade do ensino e pesquisa, como se fossem braços, ou ramificações, que vão se espalhando e levando o conhecimento ali desenvolvido para a comunidade.

Apresentada tal trajetória sob os conceitos de autonomia e liberdade do professor Paulo Freire, definindo a importância desse trabalho na minha formação enquanto docente, ao perceber que somos sujeitos dispostos ao aprendizado e que não existe ensinamento sem aprendizagem e o contrário.

Para além desse fato, entender também que o papel do professor é criar possibilidades para que o conhecimento aconteça, é ser via de orientação e questionamento para que o estudante, artista ou qualquer um que esteja sob sua orientação, busque seu caminho, é reafirmar que o teatro começa na ação, na relação com o outro, na observação do mundo.

Pontuo no presente trabalho uma ação concreta que me leva a identificar a busca da A_GIRA em desenvolver uma prática de autonomia e liberdade. Aqui faço a demarcação de um posicionamento político, visto que a obra de Freire estava diretamente relacionada à estrutura social entre opressores e oprimidos, na qual os oprimidos estão subordinados a uma classe dominante.

Tanto Boal quanto Freire defendem o diálogo e a cooperação entre sujeitos na busca de problematizar, compreender e transformar a realidade. Nesta direção, ambos dão a palavra ao povo, para falar sobre a sua vida, como passo fundamental para o desenvolvimento da autonomia e o engajamento na transformação do mundo. Boal dá a palavra ao espectador, através do teatro viabiliza a possibilidade de relatarem as próprias vivências, desenvolverem sua autonomia, seu juízo crítico e sua responsabilidade. Freire fornece ao educando, a autonomia da construção da palavra, para que ele possa interferir e

transformar o mundo, pois, ao dizer a própria palavra à pessoa inicia a construir conscientemente seus próprios caminhos. (TEIXEIRA, 2007, p.123)

Foi na prática desse pensamento que me fiz e me faço artista, pesquisadora e principalmente professora, na tentativa de diminuir as fronteiras entre arte e educação e proporcionando a aqueles que de alguma forma cruzem o meu caminho, espaço para o diálogo e compartilhamento dos saberes, dentro ou fora de uma sala de aula.

Apontando caminhos possíveis para o diálogo entre essa definição artista-professora-pesquisadora, Lírio cita Bell Hooks:²¹

“[...] pensar sobre a pedagogia que põe em evidência a integridade, uma união de mente, corpo e espírito”; praticar uma abordagem holística, na qual alunos e professores “[...] encaram uns aos outros como seres humanos ‘integrais’, buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo”; a percepção destes como sujeitos “[...] com vidas e experiências complexas, e não como meros buscadores de pedacinhos compartmentalizados de conhecimento”. (HOOKS, 2017, p. 26-27 apud LÍRIO, 2020, p.172).

Como artista-professora-pesquisadora, entender a importância da valorização da história, contexto e saberes de cada ser educando, como parte fundamental do seu desenvolvimento enquanto sujeito no mundo, consciente de toda práxis, para a transformação de sua realidade.

Durante os quase dois anos de experiência na A_GIRA e por diversas vezes na minha caminhada, em cursos de formação, cursos livres ou dentro da Universidade, me questionei sobre o que me faz artista e o que me faz professora. Após a pesquisa reflexiva sobre essa experiência, sem a menor pretensão de afirmar uma verdade absoluta, me deparo com o questionamento sobre a existência das fronteiras entre o artista criador e o docente pesquisador.

²¹ . hooks elabora essas reflexões considerando e entrecruzando suas leituras acerca do trabalho de Paulo Freire e da filosofia do budismo engajado de Thich Nhat Hanh. cf. hooks, 2017, p. 26-27.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

CARVALHO, T. B.; PEDRON, D. A. **História e Memória do Teatro Universitário**. In: Simpósio Temático Arquivo e Documentação, 2019, São Paulo. Simpósio Temático Arquivos & Educação (3: 2019: São Paulo.). 2019. v. 3. p. 75-93.

FARIAS, Isabel Maria Sabino et al. **Identidade e fazer docente: aprendendo a ser e estar na profissão**. In. Didática e docência: aprendendo a profissão. Fortaleza: Líber livro, 2008.

FREIRE, Paulo R. Neves. **Pedagogia Do Oprimido**. São Paulo: Paz E Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2022

I FORPROEX - ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1987, Brasília. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-doFORPROEX.pdf>> Acesso em: outubro de 2022.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: E.P.U., 1986.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.). *Extensão Universitária: diretrizes e políticas*. Belo Horizonte: PROEX / UFMG, 2000.

T.U (Centro Teatro Universitário). **Projeto Pedagógico - Educação profissional e tecnológica - Eixo: Produção Cultural e Design**. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

TEIXEIRA, Tânia Márcia Baraúna. **Dimensões sócio-educativas do Teatro do Oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal**. Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona: 2007. Tese de doutorado em Educação e Sociedade do Departamento de Pedagogia Sistemática e Social. Orientação: Xavier Úcar Martinez.

TRINDADE, Fabrício. giragrupa; Disponível em: <<https://giragrupa.wordpress.com/>>; último acesso em 15 Mai. 2023.

LÍRIO, Vinícius da Silva. **outros espaços e outros tempos e outros encontros**: ações, poéticas e pedagogias por uma cena expandida. In.: GÓES, Margarete S. et al (Orgs). Utopia, distopia, heterotopia: paisagens culturais e

políticas de formação. Vitória: UFES, 2021, p. 164-176. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/11784>. Acesso em: 23 jun. 2023.

LÍRIO, Vinícius da Silva. Criar, performar: poéticas e pedagogia(s) com /da Arte na formação de pedagogos. Teatro: criação e construção de conhecimento, V. 5 N. 2 2017, p. 45-58.